

ENSINO DA FILOSOFIA EM PORTUGAL

TRADIÇÃO E ACTUALIDADE DA FORMAÇÃO

Artur Manso
Custódia Martins
Organização

húmus

ENSINO DA FILOSOFIA EM PORTUGAL
TRADIÇÃO E ACTUALIDADE DA FORMAÇÃO

Organização: Artur Manso e Custódia Martins

Capa: Edições Húmus

© Edições Húmus, Lda., 2016 e Autores
End. Postal: Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V.N.Famalicão
Tel. 926 375 305
humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão
1.ª edição: Novembro de 2016
Depósito Legal n.º: 414662/16
ISBN: 978-989-755-215-1

Apoio:



Universidade do Minho
Instituto de Educação
Centro de Investigação em Educação (CIEd)

ÍNDICE

- 7 Introdução
- 1. UMA FILOSOFIA PARA HOJE**
- 11 Da origem da filosofia à filosofia da origem ou porque a filosofia deve retornar a si mesma
Artur Manso
- 21 O pessimismo da virtude. Política e educação em Platão
Henrique Miguel Carvalho
- 35 Tecnoética: uma disciplina filosófica para o século XXI
João Ribeiro Mendes
- 47 Subsídio para uma história do pensamento crítico em Portugal: a crítica de Nobre França (1838-1920) à filosofia
Manuel Curado
- 2. O PANORAMA ACTUAL DA FORMAÇÃO**
- 67 Do ensino da filosofia
Custódia A. A. Martins
- 81 A filosofia no ensino: o ensino da filosofia no ensino secundário em Portugal
Raquel Costa
- 97 Pensamento e conhecimento na formação filosófica
João Boavida
- 113 Sinopse sobre a orientação cooperante no estágio do Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário
Carlos Félix Fernandes
- 3. O TRABALHO FILOSÓFICO HOJE:
PLANIFICAR E EXECUTAR TEMAS DA FILOSOFIA**
- 123 O método socrático no ensino da filosofia
Domingos Faria
- 149 A arte como via para a problematização do real
Maria Helena Restivo
- 171 A aprendizagem do filosofar através do texto poético
Sara Tiago Gonçalves
- 195 Experiências de pensamento no ensino da filosofia: um modelo pedagógico
Idalina Maria Correia da Silva

SUBSÍDIO PARA UMA HISTÓRIA DO PENSAMENTO CRÍTICO EM PORTUGAL

A Crítica de Nobre França (1838-1920) à Filosofia

Manuel Curado

UMinho-ILCH/Dep. Filosofia
curado.manuel@gmail.com

I – Lições de uma Atitude Crítica Esquecida

Estava a começar a última década do século XIX português quando José Correia Nobre França (1838-1920), um dos fundadores do Partido Socialista, proclama que a filosofia antiga não tem nenhum valor. Juntando todas as escolas filosóficas da antiguidade, dos Pré-socráticos aos Estóicos, desfere um rude golpe numa das manifestações mais elevadas da inteligência humana. O caso do pensamento antigo é meramente ilustrativo porque o alcance da sua crítica é mais amplo, dirigindo-se à filosofia que se desenvolveu em qualquer época. Procurando saber por que razão “foi a filosofia suposta grega absolutamente inútil para a conservação da Grécia”, Nobre França responde que isso se deveu à “absoluta contradição com os factos e os regimes aviltantes das sociedades”.⁽¹⁾

A página incómoda do seu livro *A Filologia perante a História*, de 1890, avança com algumas justificações para sustentar a tese da alegada inutilidade da filosofia na história humana. Do seu ponto de vista, a filosofia não dá nenhuma vantagem aos povos que a cultivam; não lhes dá, por exemplo, anos de vida a mais nem assegura a conservação das suas existências. O que é válido para os povos também é, por maioria de razão, para os indivíduos. Poder-se-ia dizer que a filosofia não dá nenhuma vantagem às pessoas, sendo evidente que não lhes dá anos de vida a mais nem segurança acrescida. O erudito tipógrafo acrescenta que a filosofia se ocupa de causas ilusórias, que mais não é do que “uma manifestação

1 França, N. (1890-91). *A Philologia perante a Historia: Ensaio de Critica á Sciencia Allemã e a Varias Sciencias*. Porto: Typographia de A. F. Vasconcellos, p. 473.

dos sentimentos das classes e das suas ideias preconcebidas”, concluindo daí que “é uma pura ilusão, onde as paixões sociais prevalecem sobre tudo”. Um terceiro argumento deriva do espectáculo triste da condenação recíproca dos sistemas filosóficos. Desta variedade e discordância de opiniões, o redactor dos *Estatutos do Partido* retira a conclusão previsível de que as doutrinas filosóficas são necessariamente falsas. A impotência e a inutilidade da filosofia já seriam aspectos suficientemente gravosos, mas Nobre França acrescenta a inquietante sugestão de que a filosofia é causadora de danos porque perverte os sentidos e aliena os sentimentos para fora da realidade social. O trabalho com abstrações teria como consequência uma forma de cegueira em relação às condições reais em que as pessoas vivem. Para concluir a sua reflexão, Nobre França denuncia a interpretação da história antiga que vê na civilização grega um resultado feliz da actividade dos filósofos. Defendendo uma interpretação de sinal contrário, proclama que “as melhores instituições da Grécia derivaram de uma filosofia bem mais superior do que a dos seus filósofos”.⁽²⁾

Este é um exemplo preciso da ambição do pensamento crítico. Não há realidades sacrossantas, imunes ao escrutínio da razão. Nobre França conhecia, certamente, o prestígio cultural que a filosofia sempre teve na Europa desde o “milagre grego”, como lhe chamou Renan. Os conteúdos e protagonistas deste exercício crítico poderão ser facilmente substituídos. Onde está a filosofia poderá ser colocada qualquer outra realidade ou conceito; onde está um vulto já esquecido da Belle Époque portuguesa poderá ser colocada qualquer outra pessoa que exija compreender radicalmente os assuntos. Deste ponto de vista, o pensamento crítico mais não é do que um agente corrosivo universal que tudo analisa com os recursos da razão humana. O mundo e os seus assuntos tornar-se-iam imediatamente diáfanos. O exercício crítico remove o véu de opacidade que parece cobrir os assuntos que não conhecemos e os que pensamos conhecer ilusoriamente mas não conhecemos de facto.

Se esta reflexão de Nobre França sobre o papel histórico da filosofia fosse seguida, não haveria razão para essa área científica ser leccionada em qualquer nível de ensino. Uma inutilidade que causa estragos não deveria integrar nenhum currículo escolar. Como o exercício crítico não tem assuntos privilegiados e pode aplicar-se universalmente, lança-se a suspeita sobre se alguma *outra* área científica poderia ser leccionada ou se algum *outro*

2 *Ibidem*, p. 474.

assunto poderia ser estimado. O centro do ensino tornar-se-ia o próprio pensamento crítico. Esta é uma utopia pedagógica recorrente. Mais do que transmitir conhecimentos determinados, que a voragem do tempo tornará inúteis, é imperioso focalizar a energia que se manifesta na actividade pedagógica naquele que parece ser o centro da actividade: a pessoa que aprende. A ênfase não é colocada na vasta colecção nos assuntos a serem aprendidos mas nas capacidades de quem aprende. Esta ideia foi glosada de vários ângulos. Começou-se por colocar toda a pessoa no centro do processo, qualquer que fosse o modo preciso de a representar: o naufrago de Daniel Defoe, a *tabula rasa* de Descartes e de Locke, o bom selvagem de Rousseau, a estátua de Condillac, a criança, o jovem, o universitário... O pensamento crítico é apenas mais uma manifestação recente dessa utopia pedagógica. A tendência não se deteve com a ênfase que foi dada à pessoa; rapidamente o lugar central foi fragmentado, assistindo-se posteriormente ao espectáculo da procura da faculdade especial que, dentro da pessoa, teria alegadamente a propriedade de ser o verdadeiro centro do centro. Seria ela a memória? Seria a motricidade? Seria a inteligência abstracta? Seria a socialização?

É com simpatia que, desde o final da Segunda Guerra, se considera a possibilidade de o pensamento crítico vir a ocupar o centro do centro do processo educativo. O advento da cibercivilização, com o aparecimento da internet, acentuou fortemente esta tendência. A maior biblioteca do mundo está ao alcance praticamente gratuito de todas as pessoas. Os materiais para se estudar os assuntos mais difíceis encontram-se facilmente. Cada área científica antiga, olhada retrospectivamente, parecia uma fortaleza com os seus guardiães e sacerdotes; hoje, a fortaleza desmoronou-se. Parece não haver corpos de saber suficientemente robustos que consigam deter a digitalização da cultura humana. Num outro contexto histórico, o pensamento crítico poderia ser apenas mais uma variação interessante da história da própria filosofia, um rosto sofisticado da velha dialéctica, um desenvolvimento da multissecular lógica, o sinal recente da ideia antiga de se construir uma lógica informal, etc. O contexto da cibercultura contemporânea alterou, contudo, o papel que se esperaria que o pensamento crítico viesse a desempenhar. Passou-se de um entendimento do pensamento crítico semelhante ao modo de Aristóteles considerar a lógica como uma instrumental ferramenta propedêutica que antecipa os estudos mais avançados para um entendimento do pensamento crítico como o tronco da árvore das ciências e como a faculdade que deverá ser especialmente

treinada. É hoje fácil encontrar uma biblioteca de manuais de pensamento crítico aplicado a assuntos tão diversificados quanto a cirurgia, a enfermagem, as operações financeiras em bolsas de valores e a publicidade. É provável que esta tendência se acentue, e que o pensamento crítico venha a ser no futuro o único assunto leccionado pelas universidades ou até mesmo pela totalidade do sistema de ensino.

Algumas antevistas do que poderá ser o nível mais elevado da inteligência humana, a sua excelência ou virtude, apontam para a ruína de todos os castelos da velha cultura humana. O mundo como uma universidade infinita, na utopia de Hermann Hesse (1877-1962), *O Jogo das Contas de Vidro*, de 1943, é um exemplo notável desta tendência. Nos tempos antigos sabia-se gramática, ou aritmética, ou história, ou filosofia antiga, ou qualquer outra coisa. O génio premonitório de Hesse, contudo, leva ao limite a dialéctica platónica, representando a pessoa com formação superior como um *magister ludi*, um mestre do jogo, que na mesma conversa passa facilmente dos poemas védicos, pela questão dos futuros contingentes de Diodoro Crono, pelo problema do medo da morte na *Carta a Meneceu*, de Epicuro, até temas avançados de física quântica. Seria esta a educação perfeita do mundo universitário perfeito de Castália. A pessoa humana deverá tornar-se um mestre do jogo, treinando o seu espírito de modo a que utilize cada ciência e cada manifestação particular de cultura como apoios para a actividade que mais nobilita a inteligência humana: a dialéctica. O pensamento crítico ainda não atingiu o nível elevado que Hesse atribuiu ao seu *magister ludi*, mas a ousadia que já demonstra frente às diversas formas de saber augura a continuação desse processo. O ácido que tudo corrói é hoje o centro da vida universitária, um centro em que a única deficiência parece ser a aspiração a um desenvolvimento ainda maior da atitude crítica, uma transformação do universitário na figura que o substituirá, o mestre de todos os jogos do conhecimento humano. (Esta aspiração legítima só é frágil porque continua a representar a pessoa de conhecimento como um escravo dos seus próprios mitos e desejos intelectuais.)

Se este é o lado humano da utopia educativa da novel junção do pensamento crítico com a cibercultura, vários outros autores têm tentado fixar o lado dos objectos e das ciências, isto é, o lado dos conteúdos que deverão ser aprendidos num currículo escolar que deseja ser perfeito. Ernst Jünger (1895-1998), no romance político *Eumeswil*, de 1977, tentou, ainda antes do aparecimento da internet, antever um modo de dissolver todos os

conteúdos culturais que, supostamente, são os objectos de desejo da pessoa culta. O seu luminar é uma máquina sofisticada que disponibiliza todos os livros antigos. Para se perceber o elevado grau visionário do luminar de Jünger, tem de se ter em conta que, diferentemente da actual internet, essa máquina permitiria reconstruir sequências históricas passadas, colocando o seu utilizador ao lado dos protagonistas de um determinado evento momentoso do passado. Alguém que utilizasse o luminar no século XXI poderia estar naquele dia fatídico dos idos de Março em que Júlio César foi assassinado. Jünger compreendeu que não são só as fortalezas das ciências que deverão ser deitadas abaixo; constrangimentos ligados à ordem geral da natureza, como o espaço, o tempo e as leis da causalidade, também terão de ver o seu império apoucado. Outros escritores notáveis, como Jorge Luís Borges (1899-1986), fizeram exercícios literários equivalentes. O conto “La biblioteca de Babel” do livro *Ficciones*, de 1944, descreve o universo inteiro como uma biblioteca infinita, construindo a hipótese de que, para além do conhecimento, do espaço, do tempo e da causalidade, até mesmo a matéria é um jogo que poderá ser dominado por quem tiver consciência do nada absoluto que atravessa todas as coisas humanas e não humanas. A cultura ocidental, tal como é expressa por estes seus epígonos, parece atormentada pela demanda da diafanização de tudo, de tudo tornar transparente. A pornografia faz parte desse processo, bem como a ciência, a hermenêutica, a suspeita, a desconstrução e a crítica. Os Pré-socráticos lançaram esse programa cultural que nunca mais se deteve; onde as outras pessoas viam o mundo em todo o seu esplendor, em que um prado com flores primaveris era apenas um prado com flores primaveris, em que um bebé era apenas um bebé e em que uma estrela do céu era apenas uma estrela do céu, eles passaram a ver a água, o *apeiron*, o *logos* feito de fogo, os números pitagóricos ou os átomos. Esse processo está longe de terminar, e dele continuamos reféns. O pensamento crítico não é mais do que uma pequena onda recente na grande vaga da ocidentalização da vida humana.

II – O Interesse da Atitude Crítica

Há, pois, um museu da imaginação do pensamento crítico. Da dialéctica platónica ao luminar de Jünger, à biblioteca de Borges e à Castália de Hesse, o pensamento crítico tem muitas antevisões dos estados futuros do seu próprio desenvolvimento. Parecendo o assunto relativamente menor da

história da lógica e das teorias da argumentação, é um sinal de um processo civilizacional com muitos séculos. Para se perceber de modo justo o que está em causa no pensamento crítico, sem se substituir uma mitologia por outra mitologia, é necessário atentar à fragilidade do ponto de vista crítico.

Voltemos ao final do século XIX português. Seria relativamente fácil argumentar contra a interpretação do socialista Nobre França. A ideia de que a filosofia não dá vantagens de sobrevivência e de segurança é fácil de rebater. É o tipo de exercício que se poderá ver num diálogo platónico, numa noite nos subterrâneos a interagir com o luminar ou numa classe de um *magister ludi* de alguma página de *O Jogo das Contas de Vidro*. O exercício de pensamento lúdico com que Nobre França confronta o seu leitor poderia ser reformulado desta forma: será que a filosofia contribui de facto para algo útil na vida das sociedades que a cultivam? Como é evidente, lançada a suspeita sobre um assunto quase deificado da formação humanística europeia, o ácido da pergunta não se poderá conter em nenhum recipiente de alguma fortaleza cultural. Também se poderia perguntar se a medicina grega contribuiu para a vitória frente aos Persas. O mesmo com a carpintaria e com a lista longa de todas as profissões antigas. Nada do que se faz isoladamente em qualquer área da vida parece ter força suficiente para assegurar resultados tão momentosos quanto o da sobrevivência física de uma civilização. Até mesmo a arte militar que os Gregos utilizaram para assegurar a sua sobrevivência frente aos Persas não foi suficiente para conseguirem um resultado semelhante frente aos Romanos. Depois de muitos paralelos semelhantes, percebe-se facilmente o sofisma de Nobre França. É falacioso isolar uma actividade intelectual muito elitista como a filosofia e colocar-lhe sobre os ombros a tarefa não filosófica de assegurar a sobrevivência de um país na altura de um ataque militar de um império vizinho. Qualquer pessoa ponderada veria imediatamente que, numa situação como a descrita, nem a filosofia, nem a culinária, nem as artes esotéricas de Apolónio de Tiana, nem o ascetismo dos anacoretas poderiam ter um papel decisivo.

Uma pessoa racional como Nobre França procederá *apenas* como ser racional. Não poderá invocar uma sabedoria que oriente a racionalidade. É esta falta de ponderação sábia que causa surpresa ao leitor de um livro já não amado da cultura portuguesa. A acção corrosiva da racionalidade não se detém frente a nenhuma sabedoria. O espectáculo patético do exercício crítico de Nobre França é uma pequena ilustração do espectáculo paté-

tico que o pensamento crítico desempenha hoje no panorama filosófico. Eticistas como Peter Singer (1946-) deitam pela janela as tradições das comunidades e a crença religiosa das pessoas. No seu exercício patético só fica a solidão de uma razão autónoma, que não faz vénia a nenhuma sabedoria. Como se esperaria, a ética de Singer acaba por colocar lado a lado experiências científicas feitas com animais e experiências científicas feitas com crianças com alguma deficiência mental.⁽³⁾ Para ele, que vive no mundo pobre em que a racionalidade só se encontra a si mesma, tudo é transparente, tudo é apenas um jogo da razão. Como não vê que exista alguma diferença entre uma criança que acabou de nascer e um nascituro ainda no ventre da sua mãe, e como também não vê grande diferença entre um aborto no início da gestação e um aborto no seu termo, parece-lhe racional equacionar a possibilidade do infanticídio dos recém-nascidos por capricho dos pais.⁽⁴⁾ Muitos outros exemplos infelizes de uma razão deixada ao seu próprio governo poderiam ser dados.

Entre autores esquecidos, como Nobre França, e estrelas da academia contemporânea, como Peter Singer, muito haveria por onde escolher. Para além de autores determinados, em que se corre sempre o risco de se fazer uma interpretação injusta de obras que terão indubitavelmente os seus méritos, haveria ainda de identificar todos os processos – dir-se-ia cancerígenos – que levam a que algumas áreas científicas tentem canibalizar todas as outras. A Teoria de Tudo da física contemporânea é um exemplo disso. Físicos notáveis como Frank J. Tipler (1947-) ocupam-se de assuntos como o apocalipse ou a ressurreição dos mortos; afinal, se a física é a ciência de tudo o que se passa na natureza, então terá legitimidade para se ocupar de religião, de moda francesa e de literatura do Japão medieval. A metafísica de Aristóteles (384-322 a.C) também já tinha tentado esse tipo de ousadias, bem como a *mathesis universalis* de Leibniz (1646-1716). Mais recentemente, a teoria da computação é o ácido universal mais corrosivo que se conhece, sendo hoje uma banalidade encontrar teorias computacionais que vão da explicação do altruísmo e da cooperação, até

3 Para que não se pense que há enviesamento na interpretação, o texto inaceitável de Singer é o seguinte: “Nenhuma avaliação objectiva pode apoiar a perspectiva de que é sempre pior matar membros da nossa espécie que não são pessoas do que membros de outras espécies que o são. Pelo contrário (...) matar um chimpanzé, por exemplo, é pior do que matar um ser humano que, devido a uma deficiência mental congénita, não é nem pode vir a ser uma pessoa”, Singer, P. (2012). *Ética Prática*, 3.^a ed., trad. Lisboa: Gradiva, p. 137.

4 *Ibidem*, pp. 190, 192, 194.

ao funcionamento do cérebro humano e da experiência senciente, ou até mesmo à explicação de Deus e do universo físico.⁽⁵⁾

O pensamento crítico faz parte destas tentativas patéticas de imperialismo metodológico e de canibalismo científico. A universidade contemporânea, como perdeu os seus referenciais de sabedoria, venera os exercícios adolescentes, cheios de energia e prazer manifesto, em que pseudo-gurus deitam abaixo realidades sacrossantas da grande cultura de outra época. Platão já havia alertado contra os perigos que derivam de os jovens tomarem contacto com a dialéctica, desvirtuando o seu sentido.⁽⁶⁾ Peter Singer é um dos novos ídolos da academia contemporânea. Figuras menores como Nobre França, desconhecidas por toda a gente, não poderiam aspirar a esse estatuto, mas é relativamente fácil encontrar estrelas académicas que não contribuíram um iota para o avanço do conhecimento mas que, dominando com sofisticação a técnica do pensamento não sábio, criam a ilusão de que o mundo já tem algo novo e relevante. O pensamento crítico faz parte deste processo civilizacional em que o Ocidente se vai devorando a si mesmo, na falta de um Longe que o motive, na falta de um caminho marítimo para a Índia que o inspire, na falta de um Outro que possa respeitar. Sinal dos tempos, o pensamento crítico é uma das áreas científicas mais procuradas nas academias contemporâneas. Todos os especialistas das outras áreas se curvam perante a aparente bondade do pensamento crítico, infelizes desconhecedores, como de facto são, da sua própria história intelectual. Relembrando a advertência de Platão, estamos hoje reféns de jovens cachorrinhos que dilaceram com dentes argumentativos tudo o que conseguem abocanhar. Divertimo-nos muito, sentimos que progredimos, e no final do dia volta tudo ao mesmo. Os jovens cachorrinhos também têm sono.

As falácias do movimento intelectual que precisamente propugna contra as falácias são muito dificilmente identificáveis porque a própria atitude crítica parece ser uma garantia de um pensamento perfeito, totalmente insusceptível de cometer alguma falácia. Uma parte importante dos

5 Veja-se, por exemplo, a aplicação da computação ao altruísmo, à cooperação, ao amor e à sexualidade em Pereira, L. M. (2016). *A Máquina Iluminada: Cognição e Computação*. Porto: Fronteira do Caos.

6 “Calculo que não passa despercebido que os rapazes novos, quando pela primeira vez provam a dialéctica, se servem dela, como de um brinquedo, usando-a constantemente para contradizer, e, imitando os que os refutam, vão eles mesmos refutar outros, e sentem-se felizes como cachorrinhos”, Platão (1983). *A República*, VII, 539b, 4.ª ed., trad. Lisboa: FCG.

manuais dos cursos de pensamento crítico dedica-se à tarefa de auxiliar a identificar falácias e sofismas, num movimento filosófico que, pelo menos desde o século XVIII, procura assegurar um pensamento limpo de alegados vícios de forma e de conteúdo.⁽⁷⁾ Como seria empobrecedor compendiar meramente os erros formais de pensamento, a atenção voltou-se para o sujeito pensante, de modo a assegurar uma faculdade racional desprovida das alegadas imperfeições derivadas da contaminação de outras faculdades, nomeadamente as que possibilitam a percepção, as emoções, a locomoção, a imaginação e a crença. Os grandes movimentos de ideias não dependem das obras de determinado autor. Como ondas ou modas ou processos societários, grandes fluxos de assuntos culturais e filosóficos atravessam o tempo. Deste ponto de vista, os autores menores e as obras decisivas compartilham um ar de família.

Um autor regional que o mundo não conhece, como o tipógrafo socialista, é, mais uma vez, exemplar a este respeito. A atitude crítica de Nobre França fez com que este visse em cada obra filosófica uma manifestação dos interesses da classe social à qual os autores pertencem. Esses interesses não deixariam margem para nenhuma outra ambição intelectual, como a compreensão do mundo. Platão, por exemplo, sendo parte da aristocracia endinheirada de Atenas, não poderia propor uma visão do mundo diferente da que seria possibilitada por uma vida ociosa. Os filósofos-reis da *República* terão vidas tão ociosas quanto a do seu criador filosófico, que também não precisava de cuidar da terra para ter o que comer. Sendo verdade que cada obra filosófica compartilha o destino das vidas humanas e de todas as outras obras do espírito humano, é redutor ver nelas apenas os interesses da classe social dos seus autores. Este é um argumento evemerista que vê na obra intelectual um espelho amplificado ou melhorado da realidade social. Nobre França tem toda a legitimidade em tentar apoucar o alcance das obras ao mostrar a conexão que as irmana a um processo

7 Veja-se, por exemplo, Whyte, J. (2005). *Crimes Against Logic: Exploring the Bogus Arguments of Politicians, Priests, Journalists, and Other Serial Offenders*. New York: McGraw Hill; Pirie, Madsen (2006). *How to Win Every Argument: The Use and Abuse of Logic*. New York: 2006; Walton, Douglas (2006). *Fundamentals of Critical Argumentation*. New York: Cambridge University Press; e Dobelli, R. (2013). *A Arte de Pensar com Clareza: 52 Erros de Raciocínio Que Não Devemos Cometer*, trad. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores. Para a história portuguesa desse processo, veja-se o nosso “Anti-sofismo”, in Franco, José Eduardo (org.), *Dicionário dos Antís: A Cultura Portuguesa em Negativo*. Lisboa: IN-CM (no prelo).

histórico específico. Sendo aparentemente evidente este ponto, é poucas vezes explorado. Argumentando contrafactualmente, seria improvável que qualquer obra de filosofia grega surgisse junto dos Papuas da Nova Guiné ou junto dos habitantes da Terra do Fogo que tanto impressionaram negativamente Darwin. Como é evidente, a legitimidade da atitude crítica de Nobre França pode terminar em enunciados triviais. Também é verdadeiro que só há obras de filosofia porque os seus autores se alimentam e tomam banho de vez em quando. O que Nobre França não consegue explorar é uma conexão que ultrapasse o nível da trivialidade.

O projecto, contudo, não se deterá, e, ao lado da ideia de identificar uma marca social em toda a filosofia ou obra de grande cultura, que hoje parece ser um empreendimento datado e sem grande interesse, existem muitos outros projectos sucedâneos, como o de encontrar os circuitos neuronais que alegadamente permitem os juízos éticos ou as operações abstractas mais elevadas. O movimento de pensamento que procura as condições que permitem as obras de reflexão e ciência indaga obsessivamente vários candidatos potenciais: se não são os circuitos neuronais, talvez sejam os genes que tutelam o desenvolvimento do cérebro; se não são estes, procurar-se-á algo nas redes neuronais, no proteoma ou no microbioma. Se cada um destes candidatos acabar por ter o destino pouco glorioso dos interesses da classe social a que os autores pertencem, como queria Nobre França e o seu amigo Engels com quem se correspondia, bem como o amigo Marx deste último, haverá ainda possibilidade de procurar o algoritmo da criatividade, o programa computacional que alegadamente tutela as funções do cérebro. Nobre França não compreende que a conexão que tanto o impressionou não é mais do que trivial. É verdade que só se descobrem verdades matemáticas ou filosóficas se não se tiver de trabalhar de sol a sol. Daqui não se pode concluir que as condições sociais determinam o conteúdo noético das verdades descobertas. Nada de fundamental parece ser determinado nessa relação, como a época da descoberta, a percepção dos pares a respeito do que é proposto, o esforço humano sem o qual não haveria condições para alguém se dedicar a um determinado assunto. Pode aceitar-se, certamente, que essas condições influenciaram o processo de descoberta; mas não se poderá afirmar que o determinam totalmente, porque há condições favoráveis em que nada de grandioso acontece, e condições desfavoráveis em que, contra as expectativas, se

descobre algo decisivo. Está em causa o objectivo mítico da descoberta do programa secreto da criatividade humana.

A atitude crítica de Nobre França não vai tão longe; se o fosse, teria de confessar que a questão social é um mero detalhe de uma demanda que só se poderá compreender pela influência de grandes mitos na vida intelectual, o que seria um modo de acabar com a oportunidade da análise proposta da conexão entre sociedade e trabalho filosófico. O decisivo a este respeito é verificar como a atitude crítica desloca a atenção dos conteúdos noéticos das obras culturais, científicas ou filosóficas para o cadinho, a maternidade ou o contexto que alegadamente os possibilitou. Além disso, é digno de nota reparar que não há consciência da dimensão mítica desta deslocação do foco da análise. Nobre França acreditou, certamente, que a denúncia socialista faria algum bem ao mundo; contudo, é curioso que não se tenha apercebido de que a análise fria que propõe esconde a atitude quente do voluntarista que crê que a sua acção poderá mudar a História. Mircea Eliade (1907-1986) pôde ver no Marxismo uma estrutura de crenças de natureza religiosa em que, no final dos tempos, o partido que conduz a revolução irá instaurar algo semelhante a um paraíso na terra.⁽⁸⁾ John Gray (1948-), em muitos dos seus livros, discerne de igual modo uma matriz de crenças gnósticas na ciência contemporânea mais fisicista e matemática possível.⁽⁹⁾ Alasdair MacIntyre (1929-) também mostrou como os autores mais iconoclásticos do método genealógico (Nietzsche, Foucault), deitando tudo abaixo com a crítica genealógica, não conseguem reparar no ponto de vista que eles próprios assumem.⁽¹⁰⁾ Se se critica tudo, o protagonista da crítica também deverá ser criticado, não havendo, por conseguinte, modo de deter o processo nem de salvar uma verdade que seja imune ao tempo e à fragilidade do humano. Há um centro calmo no furação mais violento. Na demonstração matemática mais racional há

8 Para Eliade, o sucesso popular do Marxismo deve-se ao sentido mítico e escatológico do que propõe às massas. O proletariado desempenharia o papel redentor do Justo, do Eleito, do Ungido, do Inocente e do Mensageiro: “il est évident que l’auteur du *Manifeste communiste* reprend et prolonge un des grands mythes eschatologiques du monde asiatico-méditerranéen, à savoir: le rôle rédempteur du Juste (...) dont les souffrances sont appelées à changer le statut ontologique du monde”, em (1957). *Mythes, rêves et mystères*. Paris: Gallimard, p. 24.

9 Veja-se, por exemplo, o recente Gray, J. (2015). *The Soul of the Marionette: A Short Enquiry into Human Freedom*. London: Allen Lane, p. 19.

10 MacIntyre, A. (1990). *Three Rival Versions of Moral Enquiry: Encyclopaedia, Genealogy, and Tradition*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, p. 209.

sempre um princípio, axioma ou postulado cuja evidência não se pode demonstrar. Não é apenas, pois, a questão da cegueira do pensamento crítico a respeito da dimensão mítica do seu empreendimento (a demanda, o heroísmo do intelectual solitário em luta contra a incompreensão dos outros ou as adversidades do mundo, o valor salvífico da descoberta, a exemplaridade do procedimento, etc.). Não ver a atmosfera irracional que rodeia o agente racional tem uma função política. Não se trata de distração metodológica; não ver permite uma justificação política.

O socialismo de Nobre França identificou uma conexão, foi misericordiosamente cego a respeito das estruturas míticas da sua denúncia, mas apresentou-se à sociedade oitocentista na companhia de um partido político que queria o mais banal dos objectivos humanos: poder político numa sociedade.⁽¹¹⁾ Não ver é compensador. Este é o tipo de evidência que nunca terá boa publicidade porque não é fácil atribuir intenções: “Tu, que estás a criticar um determinado autor e a sua teoria, de facto estás a reclamar influência política numa determinada comunidade. Parecendo que apenas te dedicas ao debate intelectual, estás a reclamar o ascendente de uma forma de viver sobre outras formas de viver”. O comportamento de um intelectual menor como Nobre França pode ser amplificado. As relações promíscuas entre intelectuais e políticos são um dos problemas constitutivos do pensamento ocidental. Uns sempre procuraram as benesses dos outros. A inteligência humana é fundamentalmente política; tal como a acção política é fundamentalmente racional. Aos políticos e aos intelectuais irmana-os o não serem incomodados pela aspiração a um pensamento sábio ou a uma vida santa.

A acção corrosiva do pensamento crítico não se detém até acabar com o valor intrínseco dos objectos que ficam sob a sua alçada. Nobre França é, mais uma vez, exemplar a este respeito. Propõe que a filosofia não tem nenhum valor de verdade porque as escolas filosóficas digladiam-se desde sempre. O argumento da condenação mútua das doutrinas não é tão forte quanto parece. Uma sociedade em que não existisse de todo esse debate seria indubitavelmente mais pobre do que uma sociedade em que as teses filosóficas se digladiam. A dimensão agonística do trabalho da

11 Para a contextualização da acção política de Nobre França, assunto marginal a esta reflexão, ver Santos, F. P. (1982). Na transição do ‘constitucionalismo monárquico’ para o ‘constitucionalismo republicano’: a crise do Partido Socialista e a crise do Partido Republicano. *Análise Social*, XVIII, pp. 72-73-74. 673-685.

inteligência humana parece ter escapado a Nobre França. Num tribunal normal a acusação opõe-se à defesa; se se retirasse o confronto de opiniões e argumentos, a prossecução da verdade ficaria seriamente prejudicada, ou até mesmo impossibilitada. Onde está o tribunal poder-se-á colocar qualquer outra actividade humana que depende do livre confronto de argumentos. Além disso, a sociedade apenas amplifica o que se passa no interior de cada inteligência individual. As pessoas nem sempre sabem qual é o curso de acção mais acertado a tomar numa determinada situação, já não falando que, ao longo da vida, as pessoas alteram o seu pensamento sobre os assuntos. Imaginar seres humanos sem a capacidade de hesitar, de duvidar e de alterar os seus próprios pontos de vista, seria uma caricatura da condição humana. Há um ganho que deriva do choque entre as escolas filosóficas; o ganho não vai para qualquer uma das escolas em contenda, mas para a sociedade como um todo. O debate que um general mantém com os seus conselheiros para eleger o melhor curso de acção num palco de guerra não beneficia somente a vaidade do general mas o esforço da sociedade que o colocou nessas funções. O pensamento crítico que não nutra uma aspiração à sabedoria poderá ficar refém da sua própria vaidade, em relação à qual também será cego. O perigo é o de não ver como a crítica mútua das escolas filosóficas é benéfica para a sociedade como um todo. A bondade do trabalho crítico não se acantona em si mesma; Nobre França tem dificuldade em reparar nessa bondade, limitando-se a denunciar a impotência da filosofia devido à forma exterior dos debates em que as escolas filosóficas não concordam aparentemente umas com as outras. Esta denúncia é claramente falaciosa, como se processos agonísticos semelhantes não acontecessem em todas as áreas da actividade humana. Todavia, a atitude ganha alguma coisa devido à falácia: retira da cena do processo político as incómodas escolas filosóficas do presente devido à alegada impotência do debate das escolas filosóficas antigas.

Atravessa a atitude crítica de Nobre França não apenas a denúncia inconsequente do espectáculo da divergência entre as escolas filosóficas mas também a denúncia da capacidade de dano do pensamento filosófico. Não se trata da denúncia do erro localizado, no sentido em que um diagnóstico médico errado pode causar danos; ou uma decisão táctica errada pode causar danos no decurso de uma batalha. O argumento de Nobre França da capacidade de causar danos merece atenção cuidadosa porque, sendo subtil, lança a suspeita sobre todos os conteúdos de uma obra filosófica. Afirma ele que, “sendo uma perversão dos sentidos pelo

sentimento dos interesses de classe, o próprio sentimento é alienado, porque a filosofia o transporta para fora da sua origem e essência, e para lugares onde se não vêem, fora do homem, dos seus sentidos e da sua razão, quero dizer, para fora da realidade social".⁽¹²⁾ O dano assume aqui o rosto da alienação em relação às condições de vida de uma população. Esta crítica poderá ser generalizada, vendo-se em muitas doutrinas filosóficas uma capacidade de causar dano a quem quer que as estude. Como trabalho intelectual, a filosofia não pode ser directamente responsabilizada pelas consequências das suas propostas. Estas podem ser mal interpretadas; além disso, a aplicação à realidade social já não pode ser considerada uma actividade filosófica (não subestimando com isto o lado prático da filosofia, que sempre existiu, desde a comunidade pitagórica do sul de Itália, passando pela Academia platónica, até à Internacional comunista). É claro que mesmo que se interprete bem uma tese filosófica e não se responsabilize a filosofia pelas suas implementações concretas, ainda assim há a questão da mera proposta de novos temas, tendo alguns dos quais capacidade de vir a causar danos muito vastos. A eugenia política platónica é talvez o exemplo perfeito de um destes temas: o assunto não parece ter sido debatido por filósofos anteriores a Platão; aparece no contexto do debate intelectual, não se conhecendo diligências do autor para implementar as teses que defende na *República*; a proposta deste assunto poderá ter inspirado medidas políticas efectivas que foram de facto causadoras de danos à humanidade. Para além de medidas políticas, há toda a colecção de assuntos filosóficos que parecem tão afastados da realidade social que dificilmente causarão dano. Não há seguranças a este respeito, certamente. Assuntos que parecem afastados da vida social foram escrutinados com minúcia pelos tribunais inquisitoriais. Todas as comissões de censura escrutinam o perigo de todas as representações, independentemente de serem filosóficas ou não. Fotografias de supermercados cheios de produtos à venda num país normal poderão provocar arruaças num país em que há fome. Uma tese filosófica aparentemente inócua poderá causar dano num determinado mundo possível. A atitude crítica de Nobre França está cheia de ensinamentos; todavia, não se segue dela que, pelo facto de um determinado conteúdo filosófico poder causar danos, se deixe de respeitar a verdade intemporal que transporta nem o processo intelectual que lhe deu origem. A possibilidade de dano é um falso

12 França, N. (1890-91). *Idem*, p. 474.

alarme que tem a agenda ostensiva de acabar com a actividade filosófica e a agenda secreta de menosprezar o esforço continuado de alcançar pelo pensamento verdades noéticas relevantes sobre o mundo e o ser humano. O falso alarme tem como consequência mais gravosa colocar o pensador crítico em estado de solidão. Com a desculpa de que o resultado da actividade intelectual filosófica poderá causar dano imediato numa sociedade concreta, ou mediato num mundo possível hipotético, o pensador crítico só se encontra a si próprio. A história intelectual sem a qual não há trabalho da inteligência humana é totalmente varrida e menosprezada.

Assiste-se a isso em boa parte da filosofia analítica dos nossos dias. O posicionamento de um filósofo analítico típico não respeitará a história intelectual do assunto a que se dedica, acreditando que a racionalidade humana tem recursos suficientes para se dedicar de modo solitário e frontal a alguma questão. Não é apenas, certamente, coisa da filosofia analítica. A fenomenologia compartilha essa atitude de refundação do olhar filosófico. O existencialismo coloca o mesmo desafio à acção humana: não há tradições que se deva honrar porque, em última análise, é o indivíduo que tem de decidir a sua vida. Muitas outras escolas filosóficas com acentuado pendor crítico menosprezam a historicidade intrínseca ao próprio pensamento. Este menosprezo da história foi denunciado com força por Marcuse (1898-1979), no seu *O Homem Unidimensional*, de 1964. Não há receita fácil, contudo, para voltar a colocar a historicidade num mundo em que a crítica tem recompensas imediatas e em que não há pontos de referência sapienciais ou consuetudinários que possam limitar a acção corrosiva do pensamento crítico.

A denúncia final de Nobre França de que a filosofia não contribuiu nem para a civilização grega nem para nenhuma outra sociedade é difícil de provar, ou até mesmo impossível. Se o referente da palavra 'civilização' for a totalidade do que acontece numa determinada época histórica, a denúncia de Nobre França não tem sentido porque é fácil verificar como o debate filosófico influenciou comportamentos, inspirou instituições e motivou uma actividade cultural riquíssima, de que a parte editorial é apenas uma instância menor. Se o referente da palavra forem as condições de vida efectivas das pessoas (alimentação, vestuário, transporte, saúde, etc.), o elo de causalidade é mais difícil de identificar, mas é indubitável que há uma influência do pensamento filosófico nessas condições de vida, seja pela influência através das teorias sobre a governação, seja pela ética, seja pela concepção de sociedade que contribui para uma determinada forma

de organização social. Como é evidente, Nobre França intui um elo de causalidade de baixo para cima, daquelas que denomina “instituições da Grécia” até à actividade dos filósofos. Há aqui uma intuição de verdade que não se limita ao velho ócio necessário para que exista actividade intelectual. As estruturas de linguagem e de cultura poderão influenciar a capacidade de abstracção de tal modo que a existência de um povo com população mais ociosa não significa que essa libertação do trabalho escravizante possibilite vidas dedicadas aos grandes problemas filosóficos. Em última análise, estas estruturas apontam para um problema teoricamente mais estimulante: o da criatividade humana, de que a actividade filosófica é apenas uma manifestação.

III – O Significado do Pensamento Crítico

Pontos de vista como os de Nobre França atravessam a história da própria filosofia. Este intelectual português já esquecido encarna uma atitude crítica com muito mérito, um mérito que só poderá ser compreendido se se imaginar a ausência de pessoas com essa atitude numa sociedade. A crítica que faz da filosofia é indubitavelmente poderosa, e estranhamente filosófica, apesar de ter sido desferida no contexto do debate filológico oitocentista. Há na atitude de Nobre França uma semente que deverá ser cuidada – a semente da atitude crítica perante a cultura e a sociedade. Não se vê, é certo, que a actividade crítica de Nobre França tenha produzido argumentos minimamente decisivos. A dissonância entre a bondade da atitude crítica e os resultados efectivamente obtidos imporia a necessidade de substituição das ferramentas analíticas. Não se pode criticar a filosofia ou outros assuntos complexos sem o domínio de argumentação sofisticada. A crítica de Nobre França à filosofia foi esquecida porque menosprezou o domínio de técnicas de argumentação em que a própria filosofia pontifica. Na ausência dessa argumentação, a crítica mais não é do que uma manifestação do preconceito que ele mesmo discerniu na relação entre os filósofos antigos e as respectivas classes sociais. Esse preconceito contra a cultura filosófica pode ser visto em acção na sua pessoa; sendo um pequeno-burguês com interesses socialistas, teria tudo para olhar com desconfiança para a ociosidade aristocrática dos gregos e para as suas actividades intelectuais.

Entre a bondade da atitude crítica, a fragilidade de resultados de uma crítica determinada, o paradoxo de uma crítica demolidora acabar por dizer mais sobre o crítico do que sobre o assunto criticado, e a diminuta atenção à historicidade do pensamento humano, muito há a considerar. Nobre França é um símbolo de todas as pessoas que estimam a atitude crítica perante os processos sociais e as grandes obras culturais. A menoridade da sua figura e o olvido a que foi votado não são aspectos periféricos a considerar numa futura história do pensamento crítico em língua portuguesa. O significado desta centralidade deverá ser tornado ostensivo. Pode acontecer que o alcance da actividade crítica seja o de um segundo lugar na vida do espírito, nunca o de um primeiro lugar. O máximo que o crítico poderá aspirar a conseguir será a prata e nunca o ouro. De facto, olhando para a história do pensamento, a ser possível uma estatística dos conteúdos filosóficos, é manifesto que as teses substantivas (bem ou mal formuladas) têm ascendente sobre a atitude crítica. Deste ponto de vista, toda a crítica tenderá a esbater-se na memória colectiva, que apenas tem capacidade para registar teses substantivas. O esquecimento das figuras que propugnaram por uma análise crítica dos bens culturais poderá parecer uma injustiça, já que, sem oposição crítica, diversas formas de tirania poderiam ser mais cruéis e prolongadas durante mais tempo, e diversas formas de erro não corrigido poderiam causar danos mais graves. Apesar desta injustiça no reconhecimento do papel da atitude crítica, a importância relativa das teses substantivas eclipsa aparentemente o trabalho meritório da crítica. A ser possível uma generalização não apressada, figuras como Nobre França são o máximo que se pode esperar da atitude crítica não complementada com a proposta de teses substantivas.

O destino destas figuras meritórias, portuguesas e estrangeiras, é pessoalmente injusto para cada uma delas; contudo, a importância da sua atitude não pode ser desconsiderada. A novel área científica do pensamento crítico só existe porque se compreendeu retrospectivamente o valor de uma *atitude* perante qualquer situação social ou perante qualquer obra do espírito. O valor intrínseco dessa atitude deve ser investigado no contexto de uma história sistemática da lógica, da lógica informal, da retórica, do pensamento crítico, das práticas argumentativas efectivas (em contextos académicos, forenses, mediáticos, polémicos e políticos) e da teoria da argumentação em Portugal. O que é conspícuo no caso de Nobre França é o modo como a sua atitude crítica implicou o esforço de um tipógrafo

e revisor editorial em conseguir o conhecimento superior suficiente para participar num debate cultural de nível superior, e implicou também a coragem da participação no debate público. Estas duas virtudes cívicas são meritórias e não devem ser apoucadas. Os intelectuais silenciosos e sem obra publicada, com vidas onanistas ou vidas santas, acreditam que o que se passa com os móveis das suas casas tem alguma influência no resto do mundo, não reparando que o resto do mundo não conhece os seus móveis nem tem razões para os querer conhecer. O que parece faltar não é, pois, a virtude cívica mas o domínio técnico do pensamento crítico. A argumentação de Nobre França parece pouco sofisticada do ponto de vista contemporâneo (e talvez este ponto de vista venha a parecer por sua vez pouco sofisticado no futuro). Nobre França não defenderia com grande probabilidade as teses que propôs se tivesse conhecimento das actuais técnicas de pensamento crítico (análise e diagramação de argumentos; domínio de conceitos lógicos elementares, como os de dedução, indução, silogismo hipotético e categórico, definição, autoridade, predicação, validade; atenção aos enunciados ambíguos, vagos e excessivamente gerais; identificação de falácias lógicas; análise de padrões de raciocínio; domínio de esquemas argumentativos; etc.).

A reflexão sobre o alcance último do pensamento crítico deverá considerar as lições que se poderão retirar do estudo de casos antigos de crítica feita por pessoas cultas, socialmente interventivas e dedicadas profissionalmente, ou não, à filosofia. Esse será o modo justo de honrar o contributo para a história da cultura de todas estas figuras que permaneceriam na sombra de outro modo. Se eles não tivessem falado, nós não saberíamos pensar.